
TV O Estado MS: categorização e análise à estrutura deste modelo de CiberTV¹

Thiago FRISON²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Convergência é um caminho sem volta, que segue agregando todas as práticas midiáticas e mudando o comportamento de todos. Com a TV não seria diferente. O veículo e suas práticas passaram a estarem presentes também na internet. No Brasil, desde 1997 com a TV UOL. Neste trabalho, a TV O Estado MS, que pertence ao jornal sul-mato-grossense O Estado MS, teve sua forma de transmissão analisada a partir de conceitos dados por Neusa Maria Amaral (2007). O meio foi considerado uma CiberTV em fluxo contínuo on demand por sua característica de transmissão ao vivo e por contar com um arquivo simples. No entanto, sua existência é bastante frágil, transparece repetir um modelo de TV convencional e em nada contribui para o desenvolvimento e consolidação de um novo formato de CiberTV.

PALAVRAS-CHAVE: CiberTV; O Estado MS; convergência;

Um novo momento

Já deixou de ser novidade e é um movimento sem volta. O hábito das pessoas em consumir informação ou qualquer outro tipo de conteúdo segue mudando e adaptando-se a cada dia às novas tecnologias de informação e comunicação, que chegam com novas propostas e rompem velhas tradições. Não é um movimento que exclui o antigo e supervaloriza o novo, é integrador. E se fosse diferente talvez não seguisse dando tão certo.

Não há de se falar num começo do chamado movimento de convergência tecnológica. Ao longo dos anos – e dos estudos de cada meio jornalísticos – acompanhamos o surgimento do jornal impresso, que foi base para o início da linguagem do rádio, que adaptou-se, da televisão que se baseou no rádio, e adaptou-se, e agora a internet, que dentre suas várias possibilidades, carrega em si conteúdos de uma televisão.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: thiagofrison@outlook.com.

A diferença de hoje é a maneira com que tudo isso caminha para ser um só, sem que cada um deixe de existir. Há quem pense, como Jenkins (2009), numa metáfora para representar o novo caminho da produção midiática. Uma caixa-preta que contemplaria todos os conteúdos produzidos. Conteúdos esses que estão em meio a um grande processo de mudança de comportamento das pessoas.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2011, p. 29).

Levando em conta o pensamento de Jenkins (2011), não se pode limitar o pensamento sobre convergência exclusivamente ao desenvolvimento de tecnologias e hardware que unem diversos aparelhos num único só, mas pensar também na mudança cultural que as tecnologias e as práticas da mídia promovem. A convergência também ocorre dentro do público, no momento das interações sociais e na mudança de comportamentos decorrentes da convergência de tecnologias. É interessante lembrar que hoje a convergência se mostra mais como recreação (as inúmeras ferramentas do celular são exemplo claro), mas logo será a ferramenta do futuro, a partir da cultura participativa, por exemplo, onde todos contribuirão para a construção do conhecimento coletivo. (LÉVY apud JENKINS, 2011). O objetivo deste estudo é, a partir do grande movimento de convergência, verificar o comportamento das autointituladas televisões que existem nos ambiente on-line. Para tal, selecionamos a chamada “TV O Estado MS”, disponível na internet, que é a única do tipo entre os jornais impressos do Mato Grosso do Sul, para ser observada no dia 17 de abril de 2018. Por ser um veículo tão novo, e o termo “televisão” referir-se a um meio que já se consolidou, prefere-se neste artigo dizer que se autointitulam, pois não se sabe se deve ser esta a palavra a ser utilizada para referir-se a tal prática. Muitos autores defendem nomes para isso. Entre eles, está Neusa Maria Amaral.

TV's na internet – várias definições

Segundo Amaral (2007), o advento da internet levou a migração dos meios tradicionais para a web e, conseqüentemente, a reprodução das práticas “tradicionais” nesse novo espaço. Com isso, explica, surgem também as WebTVs, CiberWebTVs e o Webtelejornalismo. No caso dos dois primeiros termos, é preciso esclarecer: WebTV, na visão de Amaral, seriam as emissoras convencionais que disponibilizam sua programação também na internet; a CiberWebTV, por sua vez, seria a programação produzida e veiculada exclusivamente para a internet – e é este que interessa a este estudo.

Já para Brasil (2011), o primeiro ponto a se considerar na discussão em torno da migração da TV – e também do telejornalismo – para o ambiente web é o declínio da importância desse meio para a população, que tem se socorrido na internet para satisfazer suas necessidades de informação e entretenimento. Para ele, “WebTV significa TV na Internet. Trata-se de uma tecnologia que vem sendo desenvolvida há cerca de 10 anos e visa viabilizar a transmissão de conteúdo televisivo via Internet” (p.4) – seguindo o pensamento de Amaral.

Pioneira no assunto no Brasil é a TV UOL, que existe desde 1997. Entre seus projetos que mais destacaram-se, afirmam Silva e Rodrigues (2005), que o analisaram, é o UOL News – um programa bastante semelhante a um telejornal mas que apostava nas possibilidades web. O apresentador desse telejornal era quase um representante do internauta frente a notícia; ele interpreta, tira dúvidas e critica.

Segundo Caselli e Coutinho (2012), o portal Terra, que faz parte do antigo Zaz, estreou em 2000 sua TV Terra, com uma programação disponível durante todo o tempo, com algumas reprises, conteúdos inéditos e programas ao vivo – como é o caso do Jornal do Terra, que estreou em outubro do ano de lançamento do meio, apresentado por Lílian Wite Fibe. Atualmente, o Terra é um mero republicador de conteúdos, após uma crise que culminou na demissão dos funcionários¹.

A partir de análise das características definidas por Palacios frente ao TV Terra, afirmam que o que ali é publicado é um produto com características web, ou seja, faz uso das potencialidades da internet para difundir seu conteúdo. No entanto, à época, notaram baixa factualidade, dado o grande número de reprises, e o que consideraram uma desorganização dos submenus que levariam a outros vídeos que poderiam ser de interesse do internauta (CASELLI, COUTINHO, 2012).

Tudo isso insere-se ainda numa série de características dadas por Palacios (2003) que refletem as possibilidades que a internet dá aos profissionais, e não necessariamente são exploradas em todas as situações.

Se alguma generalização é possível, neste momento, ela possivelmente diz respeito ao fato de que todos esses formatos são ainda altamente incipientes e experimentais, em função do pouco tempo de existência do novo suporte mediático representado pelas redes telemáticas. (PALACIOS, 2003, p. 3).

Diante da grande variedade de formatos possíveis, é possível apontar como características: 1-Multimedialidade/Convergência (Com a digitalização da informação, a multimídia no jornalismo online se refere ao uso das mídias tradicionais como formas de linguagem às informações a serem transmitidas); 2-Interatividade (é a interação que o usuário tem com a notícia, seja com quem a escreveu, seja com quem também a lê ou mesmo com a hipertextualidade da mesma); 3-Hipertextualidade (É a possibilidade de ligar textos a outros textos a partir dos links); 4-Customização do Conteúdo/Personalização (Possibilidade dada ao usuário de pré-selecionar o que é de seu interesse, além de poder escolher também a programação visual que preferir); 5-Memória (É o arquivamento [fácil e barato] do que é produzido na internet dentro dela mesma. O conteúdo pode ser recuperado a partir da hipertextualidade e de buscadores); 6-Instantaneidade/Atualização contínua (É a facilidade no acesso às informações na internet aliada à constante atualização dos registros proporcionada pelas facilidades que as novas tecnologias oferecem). (PALACIOS, 2003).

Mas o que mais há de incentivo para o surgimento dessas chamadas TV's? De Portugal, Francisco Cádima parece trazer uma resposta. Ele(2008) atribui como fator de incentivo a expansão da WebTV em Portugal a dificuldade em obter junto aos governos autorizações para operar em rede aberta canais de televisão. O fator político seria uma barreira para que empreendedores desinteressados pudessem se aventurar nesse tipo de negócio, mais focado em favor dos diretamente envolvidos com os poderes instituídos.

De qualquer modo, os novos fenômenos (sic) da cibercidadania—dos bloggers ao vídeopodcast, das redes sociais às Web TV – inserem-se num plano diferente, que podemos associar ao âmbito dos media participativos e colaborativos, ou seja, no quadro de uma outra visão do mundo mais consequente com a defesa da integridade da natureza humana face à lógica (cega) da eficácia (CÁDIMA, 2008, p.2).

Num esforço para categorizar essas televisões que existem na internet, Amaral (2007) traz três modelos que evidenciam e clareiam as atuais práticas desse tipo na rede. Uma delas é a chamada “Ciber TV em fluxo contínuo ao vivo”, em que a programação é veiculada exclusivamente pela internet e é transmitida ao vivo. Não é possível recuperar o que se assistiu, a não ser por meio de reprises. De qualquer maneira, é preciso obedecer ao fluxo de informações, e aguardar por um horário fixo para assistir.

“Ciber TV em fluxo contínuo on demand” é outra categoria. Nela, há um fluxo com horários pré-definidos, mas os programas não são ao vivo, ou seja, é possível que o usuário acesse o que quer assistir quando bem entender, não precisando atentar-se ao horário de programação do veículo (AMARAL, 2007).

A última, explica Neusa Maria Amaral (2007), é a “Ciber TV on demand por módulos”, modelo em que não há fluxo contínuo, ou seja, todo o material está a disposição do internauta e depende exclusivamente dele para ser consumido, já que “não saltará aos olhos”. Quando o veículo opta por esse formato, há separação dos conteúdos jornalísticos em categorias, e a partir dessa organização a audiência os consome (essa organização em editorias é presente também no modelo anterior).

No que prefere chamar de webtelejornalismo, presente nessas CiberTVs, Amaral (2007) percebe haver também um formato mais página de jornal na internet – ou seja, o texto da página em que se encontra o conteúdo audiovisual é uma descrição fiel do material jornalístico. Mas, quando adota o meio por veicular um conteúdo contínuo ao vivo, nada é possível fazer nesse sentido, a não ser antecipar via machete/hiperlink a principal reportagem a ser veiculada. Nesse sentido, seis são os modelos que a CiberTV propicia para a transmissão de um webtelejornalismo.

Transpositivo em tempo real: Quando os telejornais exibidos nos veículos de TV usam a internet apenas como meio de reprodução;

Transpositivo On Demand: O conteúdo está disponível para acesso a qualquer momento;

Transpositivo On Demand e em “tempo real”: Uma mistura dos dois anteriores. Pode ser assistido ao vivo ou selecionar o conteúdo que se deseja assistir;

Semi-transpositivo: Quando, no caso da televisão convencional, nada é exibido em tempo real pela internet, apenas é disponibilizado o acesso posterior;

Convencional hipermidiático: O conteúdo não existe na televisão convencional, é produzido apenas para internet, mas seguindo os modelos do jornalismo de televisão;

Hipermidiático Convergente Interativo: Quando o produto tenta, aglutinar todas as práticas de outros veículos em seu telejornalismo, e conta com a participação ativa de internautas ou de possíveis entrevistados a partir das ferramentas que a internet possui;

Experiência local

A TV O Estado MS é meio que existe exclusivamente pela internet, dentro do site jornalístico OE10, ligado ao Jornal O Estado, veículo impresso que circula em Mato Grosso do Sul. Está disponível no www.oe10.com.br. Segundo o expediente do jornal, apostam em novas ferramentas e tecnologias que fazem mais contato com os internautas, e nomeiam sua TV O Estado como a primeira com transmissão simultânea, com programação variada e 100% original. Entre os ítems da programação está o Jornal da Tarde, apresentado por Ogg Ibrahim, com exibição ao vivo às 14h.



Figura 1: Home page do portal OE10.

As páginas institucionais dentro do referido portal não indicam quando ocorreram os primeiros vídeos ou transmissões, que utilizam a plataforma do YouTube para tal por meio do canal TV O Estado MS (que, a partir de agora, será referida como TVOE). Em uma busca diretamente na plataforma de vídeos, verifica-se que o primeiro vídeo postado pelo jornal ocorreu em 22 de janeiro de 2015. Neste espaço, porém, estão apenas vídeos disponibilizados para serem consumidos pelos internautas sob demanda, ou seja, não fazem parte da proposta de uma TV contínua. Um segundo canal chamado “CPD Jornal

O Estado MS” registra a primeira transmissão ao vivo em 22 de agosto de 2017. Registra-se “CPD” como Central de Processamento de Dados”, setor de TI comum em empresas jornalísticas.

Na página inicial do OE10, a TVOE, por meio do YouTube, como dito, está localizada ao lado direito da tela, posicionada ao lado das principais manchetes. É possível clicar em um hiperlink que redireciona o internauta para uma página dentro do portal com mais conteúdos da TVOE. Nessa página, o usuário continua tendo acesso a uma coluna de notícias mais recentes publicadas no portal, dividindo espaço com uma tela maior do YouTube com a programação da TVOE. A tela mantém o cabeçalho do portal, os mesmos anúncios do portal e abaixo da transmissão há a seção “Confira Mais Vídeos”. Nela, a uma opção chamada “Escolha um programa”, em que usuário seleciona qual vídeo deseja recuperar. Estavam disponíveis 45 opções.



Figura 2: Página da TVOE dentro do OE10.

Ao indicar qual programa deseja assistir novamente, uma série de ícones com hiperlinks surge, ao clicar em um deles, o conteúdo escolhido aparece na tela. É nesse momento que, nesta página, surge a única opção para que o usuário compartilhe o que está assistindo. Não há espaço dentro da página da TVOE para que o usuário faça comentário ou a partir de uma rede social, como o Facebook, possa utilizar opções como curtir ou comentar com seu usuário. Não há programação a ser consultada e a ferramenta de busca

serve para todo o site, e não apenas a TVOE. Já no YouTube, a TVOE habilitou as funções “Gostei” e “Não gostei”, “Compartilhar”, “Adicionar a Playlist” e comentários públicos. Para análise desse veículo, serão utilizadas as duas categorizações propostas por Amaral (2007) quanto ao modelo de TV na internet e também quanto a transmissão do conteúdo jornalístico nesse suporte – o que chama de webtelejornalismo. O conteúdo qualitativo da programação não há de ser analisado.

TVOE à prova e análise do modelo

Como descrito, a TVOE é transmitida a partir do YouTube de maneira contínua. É possível recuperar o que se deseja assistir, mas é trabalhoso encontrar algum conteúdo em específico, já que o que está no site para ser buscado são apenas vídeos em que no título constam apenas o nome do programa, a data de veiculação e, eventualmente, o bloco. Não há indexador para uma reportagem ou assunto comentado durante cada um desses programas, o que dificulta o recurso de memória defendido por Palacios.

Quando da estrutura do suporte, há de se confirmar que trata-se, a partir de Amaral (2007), de uma CiberTV, já que sua existência limita-se a internet. A presença de um fluxo contínuo de informações exclui de imediato a categoria “CiberTV on demand por módulos”, já que nela não existe a continuidade, o ao vivo.

Os horários são pré-definidos, mas não se encontrou a programação. Mesmo assim, há de se afirmar que a TVOE enquadra-se como uma “CiberTV em fluxo contínuo on demand”, dada a possibilidade de recuperação de um programa ou outro pelo usuário. Já quanto a transmissão dos conteúdos, a TVOE pode ser categorizada como uma Ciber TV Convencional Hipermediática, pois existe apenas na internet, mas segue padrões de produção de uma televisão convencional.

Apesar do possível enquadramento da TVOE em categorias propostas por importantes pesquisadores, neste caso em específico, essa pesquisa revelou que mesmo um projeto que transpõe o amadorismo pode ser considerado uma CiberTV em fluxo contínuo on demand Convencional Hipermediática.

Observa-se a arquitetura da página em que a TVOE está localizada em seu OE10. Não é possível fazer uso das potencialidades da internet que Palacios aponta. Não é possível fazer comentários nem sequer há função de entrar em contato com a redação, um

movimento totalmente ao contrário ao que os portais jornalísticos, de maneira geral, fazem hoje no Brasil.

Há, na realidade, uma fragilidade em apontá-la como uma CiberTV em fluxo contínuo on demand, dada a dificuldade em recuperar o arquivo – quase um impeditivo. Por essa razão, apesar da funcionalidade existir, quase optou-se por considerá-la apenas como uma CiberTV em fluxo contínuo, mas o arquivo existe – mesmo que ruim e dificultoso.

De maneira geral, até pelo enquadramento da TVOE como uma Ciber TV convencional hipermidiática, nada tem a contribuir no desenvolvimento de uma nova linguagem para esse tipo de veículo na internet. Traz exatamente o que se pratica hoje na televisão convencional. Como não existiu uma análise qualitativa do conteúdo da programação, há de se considerar a possibilidade de interação com o webtelespectador por meio de WhatsApp, por exemplo.

A sequência rígida da programação (termo que, na internet, deveria já ter sido limado, dada a ordem de leitura livre que o internauta possui) é outro fator desmotivante para acompanhar a TVOE. Arcaica que transparece ser, ainda obriga sua audiência a acompanhar durante horário específico determinado produto de sua programação – comportamento que tem sido alterado por todo o processo de convergência e pela pós-modernidade em ação.

Considerações

Televisão é coisa séria. Por fim, a TVOE traz mais do mesmo que qualquer outro canal convencional de TV poderia trazer. Não há contribuição nem desenvolvimento de um novo formato para fazer CiberTV na internet. Não há de se questionar a qualidade do conteúdo do produto, que pode ser superior a todas as outras formas de se fazer televisão no Brasil. Mas eles não são pioneiros em transmissão simultânea como dizem ser.

Caselli e Coutinho (2012) já diziam que as CiberWebTVs estão iniciando um novo processo de entender televisão e consumir internet. Reafirmam o que há muito tempo se diz, que é preciso evoluir em determinados pontos nas rotinas e práticas desse novo suporte, até que ela encontre seu caminho e personalidade para seguir em frente.

É disso que a internet precisa hoje. Não de mais do mesmo, mas de modelos de negócio e de produção jornalísticas que contribuam na consolidação de formatos para a difusão jornalística audiovisual. Se o usuário parte da televisão em busca de conteúdo na internet,

é bem provável que uma das últimas coisas que ele espere é um formato semelhante a sua caixa preta da sala.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Neusa Maria. **Televisão e Telejornalismo**: modelos virtuais. In XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Universidade Católica de Santos, 2007. 14 p. Disponível em <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2233-1.pdf>. Acesso em: 07 Out. 2013.

CÁDIMA, Rui Francisco. **Web TV Local/regional em Portugal**: Que alternativa à TV?. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. p. 99-110. 2008. Disponível em <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/745/666>>. Acesso em 12 abr. 2018.

CASELLI, Thais. COUTINHO, Iluska. **Webjornalismo Audiovisual**: as Características do Jornalismo Online na TV TERRA. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. 2012. Disponível em: <www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-0272-1.pdf> Acesso em 15 out. 2013.

GONÇALVES, A. C. B . **Convergência midiática**: a TV e os telejornais se encontram na Internet. In: Primeiro Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, 2011, São Paulo, SP. Primeiro Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, 2011. v. 1.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online**: o Lugar da Memória in MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital, Salvador: Editora Calandra, 2003

Portal OE10. **TV O Estado**. Disponível em <<http://www.oe10.com.br/tvoestado/tvoestado.html>>. Acesso em 15 abr. 2018.

SILVA, Cláudia Cristina; RODRIGUES, Sônia Maria. **UOL News**: análise do telejornalismo na web. Arcos: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005. Disponível em <http://www.academia.edu/994247/UOL_NEWS_analise_do_telejornalismo_na_web>. Acesso em: 20 set. 2013.